

NARRATIVAS LITERÁRIAS E AS DISTINÇÕES SOCIAIS: REFLEXÕES A PARTIR DO OLHAR DE PIERRE BOURDIEU

Jorge Luiz Zaluski¹
Elenice de Paula²

RESUMO: A proposta deste texto é partir dos apontamentos teóricos de Pierre Bourdieu sobre distinção social e analisar os contos “Duzu-Querença” e “Os amores de Kimbá”, escritos por Conceição Evaristo e publicados no livro *Olhos D’água*, em 2016. Acreditamos que as investigações que partem da literatura contribuem para identificar o pensamento social do/a autor/a, sua posição e interesse com o contexto de sua produção. Assim, junto dos apontamentos de Bourdieu sobre os tipos de capitais, através dos contos selecionados, buscamos perceber como as narrativas de Conceição Evaristo investem em uma escrita denúncia para levantar críticas sobre as distinções sociais, das exclusões provocadas, manutenção e do processo de desumanização de seus personagens que se confunde com histórias reais.

PALAVRAS-CHAVE: Pierre Bourdieu. Conceição Evaristo. Literatura. Narrativa.

LITERARY NARRATIVES AND SOCIAL DISTINCTIONS: REFLECTIONS FROM THE POINT OF VIEW OF PIERRE BOURDIEU

¹ Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: jorgezaluski@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0795-263X>.

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Professora de Sociologia Secretária da Educação do Estado do Paraná. E-mail: paulaelenice@yahoo.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6384>.

ABSTRACT: The purpose of this text is to start from the theoretical notes of Pierre Bourdieu on social distinction and analyze the short stories “Duzu-Querença” and “Os amores de Kimbá”, written by Conceição Evaristo and published in the book *Olhos D’água*, in 2016. the investigations that start from the literature help to identify the author’s social thinking, his/her position and interest in the context of his/her production. Thus, together with Bourdieu’s notes on the types of capital, through the selected stories, we seek to understand how Conceição Evaristo’s narratives invest in denunciation writing to raise criticisms about social distinctions, the exclusions provoked, maintenance and the process of dehumanization of its characters that are confused with real stories.

KEYWORDS: Pierre Bourdieu. Conceição Evaristo. Literature. Narrative.

NARRATIVAS LITERARIAS Y DISTINCIONES SOCIALES: REFLEXIONES DESDE EL PUNTO DE VISTA DE PIERRE BOURDIEU

RESUMEN: El propósito de este texto es partir de los apuntes teóricos de Pierre Bourdieu sobre la distinción social y analizar los cuentos “Duzu-Querença” y “Os amores de Kimbá”, escritos por Conceição Evaristo y publicados en el libro *Olhos D’água*, en 2016. las investigaciones que parten de la literatura ayudan a identificar el pensamiento social del autor, su posición e interés en el contexto de su producción. Así, junto a los apuntes de Bourdieu sobre los tipos de capital, a través de los relatos seleccionados, buscamos comprender cómo las narrativas de Conceição Evaristo invierten en escrituras de denuncia para plantear críticas sobre las distinciones sociales, las exclusiones provocadas, el mantenimiento y el proceso de deshumanización de sus personajes que se confunden con historias reales.

PALABRAS CLAVE: Pierre Bourdieu. Conceição Evaristo. Literatura. Narrativo.

Investigar a literatura é adentrar em um conjunto de informações que vão além do registro ficcional. Dentre as múltiplas possibilidades das pesquisas que investem na análise de obras literárias, junto das observações podemos perceber o pensamento social de quem a produziu. Sendo na narrativa a materialização do olhar sobre o real, suas linhas nos exibem um mundo que é dado a ler e ser interpretado. Assim, partir de investigações

que abordam a literatura exige compreender a posição do/a narrador/as, o contexto de sua produção e a intencionalidade da escrita.

Para Rosangela Sarteschi, “a literatura ganha sentido porque se estabelece como uma possibilidade concreta de apreender o mundo e, no processo de leitura que se coloca, estão dadas as condições de interpretar as sociedades em que cada texto ou série literária estão inseridos” (SARTESCHI, 2016, p. 16). Deste modo, as ideias manifestadas na escrita que narram histórias e constroem personagens, conduzem o/a leitor/a a refletir sobre a realidade à sua volta. Assim, partimos do pressuposto que utilizar a literatura como objeto de análise requer a compreensão do contexto de sua produção e da intenção do/a autor/a para com o/a leitor/a, sendo essa a garantia de quem escreveu apresentar sua observação do mundo como tentar intervir nele.

Pierre Bourdieu (2006), ao discorrer sobre as investigações que utilizam da análise de narrativas literárias, indica que as linhas expressas em uma obra vão muito além de um conjunto discursivo. Com base no autor, a história perpassa pela compreensão do/a narrador em um tempo e espaço. Contudo, essas não são as únicas manifestações que materializam o pensamento social empregado na narrativa. Para Bourdieu, as experiências individuais conduzem o olhar sobre o real, travam marcações na leitura de mundo e sua apresentação aos demais. E, junto desse jogo interpretativo, as distinções sociais já internalizadas na subjetividade do/a narrador/a, e que também servem de crítica ao contexto social, são manifestadas de maneira minuciosa. Marcam o poder simbólico, mas que muitas vezes passam despercebidas a quem pretende analisar as produções literárias. Para o autor, muitas vezes, a rigidez acadêmica constrói limites nas pesquisas e impede a visualização de outros detalhes que nos permitiram maior compreensão da configuração social.

Crítico ao rigor metodológico, Bourdieu destaca que a pesquisa não deve ser constituída como uma engenharia, mas, sim, com base nas observações do autor. Diz ele:

é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas (BOURDIEU, 2011, p. 27)

Com base nas reflexões do autor, entendemos que toda produção escrita está imersa em um conjunto de normas que irão delimitar o pensamento e a escrita. Nisso vão construindo os campos, marcados por regras impostas por meio das limitações daquilo terá ou não o reconhecimento como integrante ou não do campo, age como uma forma de conduzir leitores/as a aceitar ou não com maior facilidade aquilo que lhes é apresentado. Como indica o autor, “os objetos comuns da pesquisa são realidades que atraem a atenção do investigador por serem ‘realidades que se tornam notadas’ por assim dizer, a porém problemas” (BOURDIEU, 2011, p. 28). Ou seja, a investigação analítica, ao mesmo tempo que expõe o conjunto social parte de e das experiências individuais que auxiliam na observação e compreensão da história em movimento de tal forma que permite compreender como o presente vai se constituindo em um jogo de experiências individuais atreladas ao tempo e espaço dos agentes.

Nesse sentido, narrar uma história, seja ela na pesquisa histórica ou sociológica, por exemplo, ou até mesmo ficcional, como na literatura, parte-se de experiências constituídas por um exercício reflexivo entre a lembrança e a percepção sobre passado e presente. As narrativas, como indica Bourdieu, são

produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de *atribuição*, produzidas sob o controle e garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que

desenvolvem uma verdadeira descrição oficial dessa espécie de existência social [...] (BOURDIEU, 2006, p. 188).

Nesse aspecto, a narrativa se encontra de duas maneiras. Na primeira, por meio do pensamento social de quem/a escreveu, esse que é manifestado da junção entre as experiências e a leitura de mundo que formam o conjunto social do/a narrador/a. Nesse percurso narrativo, as expressões do/a anunciador estabelecem marcações de sua narrativa que, quando investigadas, podem ser observadas todo o processo de formação do indivíduo e a inculcação de normas e valores. Junto disso, a identificação de si e com o meio em que se vive, onde, a partir de seu lugar social, inclusões, exclusões, posição de classe, lugar de fala, dentre outras marcações irão dar indícios de como a trajetória individual do/a narrador/a está envolta do contexto social de sua produção. Na segunda, da construção e delimitação do campo narrativo. Pois, como indica Bourdieu, o conjunto discursivo resulta da transformação da análise social manifestada por meio da escrita que é constituída dentro de um campo que possui regras de como apresentar as histórias que são dadas a ler.

A partir da compreensão de que as construções narrativas partem da leitura da sociedade e visam a intervenção, buscamos analisar os contos “Os amores de Kimbá” e “Duzu-Querença”, ambos publicados no livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, lançado em 2016. Diante dos contos selecionados, temos como objetivo perceber como a representação dos/as personagens possuem elementos que demonstram marcações da distinção social e servem de crítica social na escrita da autora. Acreditamos que, pela escrita ser um processo atravessado pela experiência no tempo e espaço, a leitura social evocada por Conceição Evaristo permitirá perceber elementos que atuam ativamente nas exclusões sociais do presente. Exclusões que são constituídas no tempo por meio de distintos processos, como, por exemplo, em instituições escolares, na construção social do gosto, na compreensão sobre trabalho e lazer. Ana Beatriz Matte Braun (2020), ao analisar *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, problematiza como as construções literárias expõem o pensamento social. Como um exercício de escrita e crítica social que busca romper com

narrativas hegemônicas, em sua maioria vista como oficial, as narrativas produzidas por quem experienciou exclusões sociais expõem diferentes realidades que nos servem de embasamento para compreendermos parte do presente. Conforme a autora,

O campo do pensamento social brasileiro não é exatamente imune a esse discurso oficial. É somente na desestabilização da suposta homogeneidade da narrativa histórica que tomamos consciência de que o acontecido só se torna propriamente histórico no tempo presente: é no presente que atribuímos seu valor (BRAUN, 2020, p. 119).

Assim, partimos da compreensão de que a produção literária de Conceição Evaristo se consolida nesse campo de rompimento, tanto das narrativas hegemônicas, como de uma crítica social marcada por problemas e inquietações que são dados a ler. Tal como aponta a socióloga Angela Figueiredo (2020), essas narrativas estabelecem um rompimento epistêmico que demarca novas narrativas sobre sujeitos que foram subalternizados, como exige uma outra forma de compreendê-lo no tempo e na escrita. Nesse sentido, analisar a obra da autora aos olhos da sociologia bourdieusiana, para alguns, pode ser motivo de incômodo por se tratar de um teórico europeu já consolidado. Contudo, o interesse aqui exposto se justifica pelas contribuições analíticas do autor para percebermos, por meio dos elementos discursivos de Conceição Evaristo, como são manifestados e podem ser evidenciados traços que marcam a distinção social e são inculcados ao longo do tempo.

Tendo como problemática central analisar as representações sobre a vida adulta nas obras de Conceição Evaristo, em pesquisa em desenvolvimento, e com o contato das análises sociológicas de Pierre Bourdieu, percebemos a abertura de possibilidades para novas observações que talvez não estejam presentes na pesquisa, mas que de certo modo abrirão novos caminhos e análises para outros trabalhos. Assim, nesse percurso, procuramos levantar as lentes analíticas de Bourdieu para adentrar no campo literário e perceber como as experiências e o olhar

social atingem a narrativa literária e essa nos serve como um elemento para a crítica social.

Deste modo, a análise aqui propõe expor elementos que demonstram marcações das distinções sociais e que estão imersas na narrativa de Conceição Evaristo como reflexões do mundo social que a cerca. A partir dos contos selecionados buscamos identificar características de distinções sociais que reforçam as desigualdades e são expostas de maneira crítica e reflexiva pela autora.

NARRATIVAS DA DISTINÇÃO: PERSONAGENS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 1946, em Belo Horizonte, possui longa trajetória intelectual. Ativista do Movimento Negro, sua escrevivência iniciou ainda na adolescência com as primeiras construções discursivas. Contudo, *Becos da Memória*, escrito em 1986, demarca como sendo uma de suas maiores produções. A autora possui muitas contribuições no Cadernos Negros, com textos publicados na década de 1990.³ Entretanto, é recente o seu reconhecimento como escritora e intelectual. O livro *Olhos D'água*, teve sua primeira publicação em 2014, foi ganhadora do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. A obra possui 15 contos com histórias em que seus personagens, todos negros, são marcados por diferentes dores, principalmente pelas violências e desigualdades provocadas pelo racismo, violência de gênero, violência policial, dentre outras violações de direitos, somadas às exclusões devido a classe social, principalmente das condições econômicas que atuam de forma ativa para amplificar ausências, perdas e sofrimentos. Contudo, como uma forma de lapidar a vida, alegrias, conquistas e diferentes formas de viver e sobreviver também integram a narrativa. Como uma resistência às exclusões e violações de direitos, a narrativa expõe distintas mazelas sociais que parecem confundir-se com a realidade. Conceição Evaristo, que teve sua trajetória de vida marcada por muitas situações semelhantes

³ O conto Duzu-Querença foi escrito em 1993, publicado primeiro nos Cadernos Negros.

às narradas em suas obras, estabelece uma escrita denúncia. Nesse sentido, as obras da autora se configuram como reflexos de um pensamento social. Está sustentada por experiências e reflexões da sociedade que não estão distantes tanto do passado como do contexto de sua produção. Sem propor uma espécie de espelho de sua história de vida, as histórias da autora estabelecem o diálogo entre narrador e narrativa, assim como de um olhar atento as mazelas sociais que incomodam no presente, tal como sugere Bourdieu.

Os personagens Duzu-Querença e Kimbá, possuem semelhanças quando tratam das exclusões oriundas da condição de classe, das intervenções do racismo e da fome que afetam suas vidas. Entretanto, as distinções de gênero e idade, por exemplo, são evidenciadas na narrativa da autora como uma forma de demonstrar como distintas marcações contribuem ainda mais para acentuar desigualdades sociais. Na primeira, Duzu-Querença é uma adolescente de 13 anos, negra, mesmo com a casa em péssimas condições, vivia em meio as ruas em busca de formas para sobreviver, nesse caminho a prostituição a encontrou e a amarrou como uma forma de garantir que a menina não passasse fome. No segundo, Kimbá, um jovem que sonhava em mudar de vida, após se apaixonar por Beth, descobriu sua bissexualidade, com o amigo Gustavo, formaram um triângulo amoroso. Entretanto se fazia inconformado com a realidade em que vivia, e junto da bissexualidade ainda a ser entendida buscou no veneno o suicídio e assassinato dos companheiros.

Em *Olhos D'água*, as distinções sociais se expressam de muitas formas, tais como a gestualidade e da construção social do gosto, que mesmo construído historicamente está envolto em uma desigualdade econômica que é impossível de ser desvinculada da condição social dos sujeitos. Como um exercício analítico sobre o gosto como (e das) distinções sociais que sustentam o pensamento social da autora, parte dessa observação pode ser evidenciado nos seguintes trechos:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo das unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga,

com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho.

Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos (EVARISTO, 2016, p. 31)

[...] Quando DUZU chegou pela primeira vez à cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã.

O pai de Duzu tinha nos atos a marca da esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar.

[...] Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar (EVARISTO, 2016, p. 32-34)

[...] Kimbá desceu um por um os degraus da escadaria da ladeira. Cá embaixo, sentiu a dor e alívio. Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os dias pensava que não conseguiria. Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa, exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo

na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Ludumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs [...] Quando Kimbá empurrou a porta do barraco em que morava, já era madrugada alta, quase manhã. Pôde escutar o ressonar da avó, da mãe, das tias e das irmãs. Seu irmão, Raimundo, roncava alto. Da boca aberta exalava um hálito de cachaça. Virou o irmão com cuidado, o ronco diminuiu. Sentiu em seu próprio corpo o cheiro da mulher. Vestiu o calção e foi lá fora no tanque. Pegou um pedaço de sabão de coco, ligou a borracha e começou a se ensaboar. Tinha se acostumado com o sabão de coco. Não gostava de fragrância de sabonete próprio. Depois veio para a cama. Segunda-feira, o dia já rompia. Kimbá não conseguiu dormir. Nas horas seguintes, não se levantou. Não desceu o morro. Não foi ao supermercado trabalhar (EVARISTO, 2016, p. 88-91)

[...] Kimbá achava Beth muito diferente das mulheres que ele conhecera até então. Era diferente da avó, da mãe, das tias e das irmãs. Era diferente de todas as mulheres que ele conhecera na favela e no trabalho. Diferente de tudo. Desde a maneira de fazer a coisa, como na de vestir depois. Tudo na mulher parecia ensaiado. Tinha pose para sentar, para levantar, para comer, para se sentar no vaso... Um dia ele viu a mulher sentada para fazer xixi ou cocô. Ela estava com o corpo ereto, como se estivesse em um trono. Kimbá às vezes achava que Beth era inventada, fabricada para bulir com os sentimentos, com os desejos e com a vida dele (EVARISTO, 2016, p. 93)

Nos trechos acima extraídos de “Duzu-Querença” e “Os amores de Kimbá”, respectivamente, percebermos manifestações de distinções sociais naturalizadas ao longo do tempo. Com um conjunto que permeia os tipos de capitais (social, cultural e simbólico), problematizado por Bourdieu (2011), é possível perceber nos contos processos que marcam a produção e reprodução das distinções sociais.

Em *A Distinção: crítica social do julgamento* ao explorar como o gosto é construído socialmente, Bourdieu (2015) procura demonstrar como ele age em um conjunto de classificação. Constituído na aliança entre capital cultural, social e econômico, servem como marcadores da diferença, onde, desde a infância, conforme a condição social do qual o sujeito está inserido, do grupo em que vive e dos valores atribuídos aquilo que é comum no dia a dia — como vestir-se e alimentar-se, por exemplo —, são constituídos por meio dos campos e reforçados constantemente. Como indica Bourdieu, é possível se assustar de tanta energia desprendida para comprovar cientificamente como o gosto e a classificação dos sujeitos são construídas e internalizadas, tais como, “evidência da relação entre o gosto e a educação, entre a cultura no sentido de estado do que é culto e a cultura como ação de tornar culto” (BOURDIEU, 2015, p. 21). Uma distinção que perpassa por uma herança cultural que age simbolicamente com efeito nos agentes sociais e forma o tecido social com base nas diferenças. E, em conjunto com essa energia científica desprendida em *A distinção*, em consonância com a energia literária provocada por Conceição Evaristo para expor as mazelas sociais, propomos observar como essas diferenças são constituídas, internalizadas e reproduzidas em uma sociedade dada a ler por meio da literatura.

Com base na análise de Bourdieu, as evidências são naturalizadas e reproduzidas constantemente em que a posição de classe, por exemplo, atua como instrumento balizador. Para o autor, quanto mais inferior a condição de classe maiores são as distinções entre o que é considerado culto (ou de elite) e o que é visto como popular (classes pobres). Como um jogo de afastamento entre grupos, o gosto é constituído e naturalizado constantemente e vão sendo incorporados ainda a todo um conjunto estético que exige uma linguagem, corporalidade e gestualidade condizentes com cada grupo. Assim, o corpo magro, visto como ideal, é constituído por meio da imposição de valores respectivos à elite, pelo gosto em comer grãos e exercitar-se com tempo dedicado ao lazer, do vestuário com o tamanho, cores e tipos de tecidos considerados adequados, do corpo e roupas limpas e perfumadas. Já para a classe popular, o gosto pela gordura, como o da carne de porco, roupas com cores e tipos de tecidos

diferentes dos pertencentes à classe burguesa, e da obesidade constituída pelo não exercício ou adequação alimentar, são processos de distinção que são incorporados e reproduzidos constantemente (BOURDIEU, 2015). Essas marcações nos servem para levantar importantes discussões sobre exclusões e violências, tais como a gordofobia, por exemplo. Contudo, diante do objetivo deste texto, centramos a observação nos elementos narrativos que permitem nuançar a leitura das marcações sociais da diferença.

Nesse conjunto de distinções, as personagens de Conceição Evaristo tanto são produtores como reprodutores dos bens simbólicos da diferença. Entretanto, longe de estarem na posição de superioridade atingida pelos privilégios de quem ocupa a classe burguesa, perpassam por situações de afastamento da elite e reprodução da diferença. Ao afirmar que “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo das unhas sujas”, longe de imaginar um corpo magro pela busca de estética considerada da elite, a personagem Duzu provavelmente estaria magra marcada pela fome, ou até mesmo poderia estar acima do peso devido às más condições que vive em seu cotidiano. Entretanto, o efeito simbólico, o lamber dos dedos gordurosos, vai muito além da busca pela sobrevivência, em matar a fome que a persegue. Mesmo com a sua condição, como alguém que está autorizado a se desfrutar da gordura, não precisa dos modos e gestualidade corporal exigidas pela elite, lamber os dedos mesmo com as mãos sujas são formas de distinguir os grupos. Internalizar esses hábitos constituem como formas de naturalizar as desigualdades e afastar cada vez mais os grupos tanto pela condição de classe como a gestualidade empregada a elas. Processo provocado pela desumanização dos sujeitos e narrado pela autora. Tal como o olhar do observador de Duzu, que, “com uma expressão de asco”, da qual como uma amplificação da distinção, “ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho”. Continuar devorando a lata, cheia de sonho por comida mais do que a lata podia oferecer, e como demonstra Conceição Evaristo, “quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou

até mais adiante, se afastando dos outros mendigos”. Tanto o arroto como a não preocupação do descarte da lata, além de expressões que distinguem dos considerados aceitos para a elite, estão permeados por processos de desumanização ainda recorrentes no cotidiano.

Como um processo de inculcação, as práticas sociais expostas por meio do conto demonstram maneiras de produzir e reproduzir as distinções e desigualdades sociais. Como destaca Bourdieu

Como toda a espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que têm de mais essencial, já que o gosto é princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado (BOURDIEU, 2015, p. 56).

Nesse aspecto, podemos percorrer as linhas que exibem as distinções sociais apresentadas por Conceição Evaristo no conto “Os amores de Kimbá”, mesmo que o personagem Kimbá não viva na rua. Entretanto, além das péssimas condições de sua moradia do barraco no alto do morro, a narrativa da autora explora um conjunto de elementos que auxiliam a perceber as marcações das distinções sociais e seus efeitos. Como narra a autora, Kimbá, “detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa, exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Ludumira”.

Kimbá, personagem que não queria viver naquela condição, expõe em sua prática diferentes elementos que marcam a distinção entre a classe burguesa com as populares. Sem condições sanitárias decentes, a limpeza corporal do rosto demonstra o ensejo em um usufruir de um banheiro apropriado, em não ter que reaproveitar frascos para servir de louça, em

partilhar dos efeitos sonoros da voz da mãe que grita e da rezadeira da avó. Tais como indicam Bourdieu, elementos comuns nas classes populares, sendo a não preocupação e domínio sonoro da voz e os efeitos da religiosidade permeado por um conjunto de crenças, mais frequentes entre os pobres.

Mesmo que Kimbá tivesse o desejo de consumir e usufruir de bens comuns para aqueles que possuem o capital econômico, o capital cultural de Kimbá ainda está distante daquele dito comum entre as elites. Parte disso pode ser observado quando sai para tomar banho fora da casa, devido à ausência do chuveiro, quando, “vestiu o calção e foi lá fora no tanque. Pegou um pedaço de sabão de coco, ligou a borracha e começou a se ensaboar. Tinha se acostumado com o sabão de coco. Não gostava de fragrância de sabonete próprio”. Nesse trecho, Conceição Evaristo explora as distinções que vão além da condição econômica. Kimbá, que havia retornado da casa da namorada, não queria ficar com o cheiro de perfume e foi logo se banhar para tirar a fragrância que provavelmente havia sido feita ao cheiro de flores. Como narra a autora, o personagem havia se acostumado com o cheiro do sabão de coco, o mesmo que dividia com as roupas e louças da casa. Assim, a narrativa utilizada para demonstrar a ação de Kimbá expõe um abismo entre classes. Muito além do ficcional, coaduna com a naturalização das distinções sociais, da fabricação e consumo de bens culturais como auxiliares no engessamento de linhas divisórias entre os grupos sociais.

Como destaca Bourdieu (2015, p. 13), “o gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas”. Como um sistema classificatório, a distinta realidade de Kimbá ficou ainda mais evidenciada quando iniciou o relacionamento com a namorada Beth. Mulher que vivia em um apartamento, afastada do morro, tinha condições financeiras favoráveis para usufruir de bebidas e perfumes caros junto de viagens ao exterior. Um conjunto de normas e valores internalizadas a partir da construção de um *habitus* que entrelaçam o capital econômico e revertido em capital cultural.

Com esse processo, Beth era única e impossível de ser referenciada com as mulheres do convívio de Kimbá. Como narrado pela autora, “diferente de tudo. Desde a maneira de fazer a coisa, como na de vestir depois. Tudo na mulher parecia ensaiado”. Ações que demonstram a incorporação de uma gestualidade, mesmo que mulher, era impossível de estar presente na feminilidade das outras mulheres que tinha contato. Assim, as marcações da diferença estão expostas na distinção de classe, gênero e também dentro do mesmo gênero, como as mulheres, pois como narrado, a namorada, “tinha pose para sentar, para levantar, para comer, para se sentar no vaso... Um dia ele viu a mulher sentada para fazer xixi ou cocô. Ela estava com o corpo ereto, como se estivesse em um trono”. São marcas e expressões de um capital cultural e social incorporadas e reproduzidas por meio de uma gestualidade impossível de ser identificada nas classes populares, em especial no cotidiano de Kimbá.

Ainda em relação às distinções e intersecções entre gênero e classe, no primeiro conto, Duzu-Querença, o pai de Duzu, por meio de seu capital cultural, na tentativa de um futuro melhor para a filha investiu em uma mudança do campo para a cidade. Com base na narrativa, continuar morando no interior impediria que a menina tivesse oportunidade de estudos e futuramente trabalho. Assim, investem em uma viagem para deixar a filha com alguém que acreditavam que seria possível arranjar um emprego e estudar. Um processo que envolve a percepção de que os melhores empregos e salários, e por resposta, as melhores oportunidades e experiências de vida, dialogam ativamente com o sucesso e qualificação escolar.

Como indica Bourdieu,

As estratégias de reprodução e, em particular, as estratégias de reconversão pelas quais os indivíduos ou as famílias visam a manter ou a melhorar sua posição no espaço social, mantendo ou aumentando seu capital ao preço de uma reconversão de uma espécie de capital numa outra mais rentável e/ou mais legítima (por exemplo, do capital econômico em capital cultural), dependem das oportunidades objetivas de lucro que são oferecidas aos seus

investimentos num estado determinado de instrumentos institucionalizados de reprodução (escola da tradição e da lei sucessorial, do mercado de trabalho, do sistema escolar etc.) e do capital que elas têm para reproduzir (BOURDIEU, 2007, p. 147)

Para Bourdieu, as barreiras sociais são ainda mais acentuadas com as distinções de capital econômico. No conto narrado por Conceição Evaristo, investir o pouco de dinheiro que se tinha para uma viagem até a cidade foi a forma encontrada tanto para render o esforço como a forma encontrada para garantir melhores oportunidades. Entretanto, como destaca o autor, a própria instituição escolar já está configurada para a manutenção da produção e reprodução das desigualdades sociais por meio de toda a estrutura curricular, modos de avaliação, dentre outras práticas comuns ao ensino que foram estruturadas a partir do capital cultural, social e econômico dito a partir do modo burguês. Ou seja, distinto da realidade das classes populares, do qual aqueles que já desfrutam dos meios, condições e relações favoráveis terão maiores e melhores resultados. Um processo de herança, tal como sugerido pelo autor, pois,

a experiência do futuro escolar não pode ser a mesma para um filho de quadro superior que, tendo mais de uma chance em duas de ir para uma faculdade, vê necessariamente em torno de si, e mesmo na sua família, os estudos superiores como um destino banal e cotidiano, e para o filho do operário que, tendo menos de duas chances em cem de lá chegar, conhece os estudos e os estudantes apenas por meio de pessoas ou de meios interpostos (BOURDIEU; PASSERON, 2018, p. 17).

No conto, Duzu, além de não possuir a herança da qual a poderia favorecer, teria de encontrar um emprego para custear a tentativa de estudar. Deixada pela família com a confiança do qual a patroa garantiria a frequência nos estudos. Assim, teve desde o início a ampliação das distinções entre o sucesso escolar e a triste realidade ao qual a abraçava cada

vez mais. Ao trabalhar limpando os quartos de que acreditava ser um hotel, percebeu logo cedo que ali se tratava de uma zona. Ao se deparar com situações que envolviam os encontros sexuais, sem saber ao certo o porquê de homens e mulheres se encontrarem, ao ser tocada por um dos homens, como indica Conceição Evaristo, “Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e tantos quartos ali”. O trabalho que jamais fora oferecido foi realmente cumprido a partir de seu contrato, mas como um pretexto para prender a menina ao local. Pois, naquele instante, “entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar”. O ensejo pelo futuro havia ficado ainda na embarcada do trem para a cidade. Ali, havia desembarcado a menina pobre, sem estudo, com fome e vulnerável às violências da qual sofreu. Não foi Duzu que buscou a prostituição, mas ao contrário, abraçada por ela, a menina, “entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar”. Foi da prostituição que Duzu teve seus nove filhos, todos espalhados. Depois de muito tempo, a convivência na favela voltou a persegui-la. Como uma fuga do passado marcado pela prostituição, buscou ser feliz em meio aos netos, principalmente junto da menina Querença, servindo como um encontro com a infância como uma forma de se tornar “Duzu-Querença”, em construir esperanças de futuro e poder partir.

CONSIDERAÇÕES

Como exposto, as obras de Conceição Evaristo trazem críticas sociais que servem como uma leitura da realidade. Longe de meras linhas literárias, suas obras apresentam incômodos que permeiam o cotidiano de muitas Duzus e muitos Kimbás. As distinções de classe que cada vez mais se acentuam como forma de reforçar as barreiras entre os grupos sociais, são alimentadas cotidianamente. Conceição Evaristo demonstra alguns dos aspectos e de suas manifestações.

No início do texto observamos como as regras impostas à construção discursiva impõe limites para um texto ser aceito. Conceição Evaristo, por

meio de sua escrevivência, rompe com narrativas hegemônicas sustentadas pelo eurocentrismo. Em suas obras, parte de um eu anunciador que quer ser visto como negro e assume o protagonismo diante de sua história. Tal como indica Figueiredo (2020), provoca uma insubmissão epistemológica, pois visa firmar outras formas de observar e narrar as pessoas negras.

Conceição Evaristo assume em sua escrevivência a crítica social e literária marcada por um brutalismo poético que, ao mesmo tempo em que exhibe as marcações sociais da diferença e de como elas agem na configuração do tecido social, perpassa por contornos que visam deixar a vida de seus personagens menos amarga. Em oportunizar a humanização diante de uma situação de constante enfrentamento com as violações cotidianas, tal como Duzu e Kimbá.

Ao ter proposto analisar os dois contos selecionados a partir do olhar de Bourdieu, tem-se a compreensão que o sociólogo e a escritora possuem experiências diversas, suas trajetórias estão envoltas a diferentes formas de exclusão. Entretanto, as noções conceituais levantadas por Bourdieu servem como suporte para percebermos a formação do tecido social que nos rodeia, que, ao lançar mão das lentes propostas pelo autor, podem auxiliar em olhar o mundo a nossa volta, e ao mesmo tempo percebermos as mazelas que ainda nos cercam. De certa maneira, Conceição Evaristo já nos permite isso, assim como estabelece suas críticas sociais junto da sua escrevivência. Contudo, a partir da compreensão sobre as delimitações do campo podemos ainda compreender sobre parte do lento processo de reconhecimento e legitimação do pensamento social da autora. Análise que dialoga com as proposições de Bourdieu em *A miséria do mundo* (2012), sendo essa uma das formas de levantarmos possibilidades de rupturas com as produções e reproduções das desigualdades sociais. Nesse aspecto, buscamos, a partir da obra de Conceição Evaristo, conciliar o olhar sociológico e a crítica social feita pela literatura. Como pensadora social, Conceição Evaristo nos auxilia a identificarmos hábitos que muitas vezes nos parecem comuns, naturalizados em meio a um conjunto social excludente.

As trajetórias de Duzu e Kimbá narradas por Conceição Evaristo nos servem como um embasamento analítico para enfrentarmos o real.

Longe dessas histórias estarem presas às páginas que as escrevem, o imaginário do/a leitor/a é afluído. A facilidade em imaginar o cenário, personagens e em tentar prever o futuro deles, não condiz em ter o capital cultural e cotidianamente dedicar tempo de leitura, mas sim de que as distinções e desigualdades são expostas, são vistas, e mesmo que nem sempre percebidas, estão aos nossos olhos e muitas vezes insistimos em não ver. Ler Conceição Evaristo ao olhos de Bourdieu é provocar o que Walter Benjamin nos instiga em “escovar a história a contrapelo”; é promover uma leitura do que até então parecia ser apenas ficcional para refletirmos para o social, expormos as mazelas sob o interesse em constituirmos futuros possíveis de serem vividos.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 145-183..
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

- BRAUN, Ana Beatriz Matte. Interrogações sobre Quarto de Despejo – Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. *In: ALVES, Ricardo Pedrosa; MOREIRA, Rosemeri; BRAUN, Ana Beatriz Matte (Org). Diálogos com o pensamento social brasileiro*. Guarapuava: Unicentro, p. 117-135, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Duzu-Querença. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016, p. 31-37.
- EVARISTO, Conceição. Os amores de Kimbá. *In: EVARISTO, Conceição. Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016, p. 87-94.
- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.
- SARTESCHI, Rosângela. O ensino de literatura: perspectivas comparatistas e a formação de professores à luz da Lei 11.645/08. *Revista Crioula*, n. 18, p. 13-30, 2016.

Texto recebido em 15/01/2023 e aprovado em 30/07/2023.